Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Os 50 Anos da Revolução de Abril: laços culturais Portugal-Brasil-África e ensino de Literaturas no Brasil
ARTIGO

DOSSIÊ 50 ANOS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS REVISTA LETRAS ESCREVE

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

Veronica Prudente Costa
veronica.prudente@frr.br
Universidade Federal de Roraima/CNPq

Cátia Monteiro Wankler
cmwankler@gmail.com
Universidade Federal de Roraima

Yurgel Pantoja Caldas
yurgelcaldas@gmail.com
Universidade Federal do Amapá

COMO CITAR

O que dizer da Revolução dos Cravos 50 anos depois? Como mote do VIII Congresso Norte-Nordeste da Associação Brasileira de Professores de Língua Portuguesa (ABRAPLIP) e do III Seminário Africanidades e Minorias Sociais, ocorridos na cidade de Boa Vista- Roraima em 2024, mais precisamente na UFRR, o eterno 25 de Abril gerou este dossiê intitulado "Os 50 Anos da Revolução de Abril: laços culturais Portugal-Brasil-África e ensino de Literatura no Brasil", que ora é publicado na revista **Letras Escreve**, do Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), uma das parceiras dos eventos mencionados.

Cabe destacar que tais eventos só foram possíveis graças ao fomento do Edital PAEP Educação Básica- Cape (Edital 14/2024 CAPES), pelo qual se conseguiu mobilizar professores da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadores e estudiosos de Universidades e centros de investigação, sobretudo do Norte e do Nordeste do Brasil, alunos de graduação e de pós-graduação, que participaram não apenas como público entusiasta, mas também em fundamentais tarefas de monitoria nos dias de evento naquela Universidade. O Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR, em parceria com os cursos de Letras da UFRR, foi o organizador do evento e foram parceiros a Cátedra Fidelino de Figueiredo da UNEB e os Programas de Pós-Graduação da área de Letras: PPGLET/ UNIFAP, PPGLITCULT/UFBA e PPGL/UFPB.

Como algumas possibilidades de resposta à pergunta inicial, começamos por destacar o contexto do ensino das Literaturas de Língua Portuguesa no currículo universitário, mas também

chamar a atenção para a necessidade da inserção de obras literárias que promovam a formação intelectual de cunho humanístico em nossas crianças e jovens, no Ensino Fundamental e Médio, cada vez mais expostos a processos de pasteurização de leitura, incluindo as literárias, e ao contexto que pode lhes parecer mais sedutor em torno da produção de textos a partir de produtos gerados por Inteligências Artificial. Desse processo a leitura literária não está alheia.

Além das preocupações curriculares e intelectuais, por certo já bastante debatidas (Faria, 2009; Martins, 2018; Souza & Dalvi, 2026), surgiu entre nós a necessidade de abordar as experiências contemporâneas de guerras na África (Sudão e Congo), na Europa (Rússia e Ucrânia) e no Oriente Médio (Palestina, Israel, Estados Unidos e Irã), sem esquecer a China e suas pressões sobre Taiwan, na Ásia, a ameaça de um conflito armado é cada vez mais real entre nós. Nesse contexto belicoso, a Revolução dos Cravos deixa de ser um evento apenas português, pois teve fortes ressonâncias na África e na Ásia (Timor Leste), por exemplo.

É nesse diapasão que este dossiê pretende dialogar com algumas abordagens como a defesa da democracia e do republicanismo, juntamente ao enfrentamento a toda forma de violência, típica de governos autoritários como podemos hoje observar no presidente dos Estados Unidos, tanto em sua política interna (sucateando programas sociais e aparelhando as polícias e o judiciário para atentar contra a própria Constituição daquele país) quanto na área externa, quando invade a Venezuela e sequestra seu presidente; mas também quando apoia Israel no genocídio em Gaza, na Palestina e ameaça invadir Cuba. Esse quadro horrendo mostra que o contexto da Revolução de Abril está ainda pulsante entre nós, ainda mais quando temos a ascensão da extrema direita também em Portugal, que obviamente surge como uma ameaça real à democracia daquele país.

No início de *Os cus de Judas*, romance de António Lobo Antunes, publicado em 1979, sobre a guerra de independência em Angola, o narrador relembra sua infância e formação até o alistamento militar e a campanha em Luanda e arredores. Nesse contexto, a repressão familiar é evocada na voz das tias do narrador que profetizam: "– Felizmente que a tropa há-de torná-lo homem" (Antunes, 2003, p. 15). Como processo inevitável de formação desse sujeito – de criança a menino, de menino a jovem e de jovem a homem –, a tropa militar seria o movimento mágico de virilidade e responsabilidade que todo homem português deveria assumir no salazarismo. Lutar pela pátria não seria recusável.

Se as tias do narrador profetizavam, "os homens da família [...] apoiavam gravemente as tias no intuito de afastarem uma futura mão rival em beliscões furtivos durante o levantar dos pratos" (*Id. Ibid*.). Logo a seguir, a fórmula certeira entre política ditatorial e polícia violenta, mediada pela cúpula da Igreja Católica – como vimos em tantas outras experiências ditatoriais, inclusive aqui no Brasil – aparece dessa maneira na memória do narrador de Os cus de Judas: "O espectro de Salazar pairava sobre as calvas pias labaredazinhas de Espírito Santo corporativo, salvando-nos da ideia tenebrosa e deletéria do socialismo. A PIDE prosseguia corajosamente a sua valorosa cruzada contra a noção sinistra de democracia [...]" (*Id. Ibid*.).

Mais adiante no romance, a mesma fórmula é recuperada quando as "senhoras do Movimento

Nacional Feminino vinham por vezes distrair os *visons* da menopausa distribuindo medalhas da Senhora de Fátima e porta-chaves com a efígie de Salazar, acompanhadas de padre-nossos nacionalistas e de ameaças do inferno bíblico de Peniche, onde as agentes da PIDE superavam em eficácia os inocentes diabos de garfo em punho do catecismo" (Idem, p. 20). No romance de Lobo Antunes, vemos um narrador que enfrenta o horror da guerra com sarcasmo sem o qual essa vida não seria possível durante esse processo de formação do sujeito, moldado pela guerra salazarista em nome de uma unidade lusitana perdida há tempos.

Nesse espírito de revisitar a História e pensar nos desdobramentos da Revolução de Abril e de como ficaram as relações entre Brasil-Portugal e países africanos de Língua Portuguesa, este número da Letras Escreve nos traz artigos, resenha e entrevista que convergem para a temática que escolhemos para o evento em Roraima.

O artigo "Mulheres e imprensa: Sara Beirão e Maria Lamas, o CNMP e a revista *Alma Feminina*", de Aldinida Medeiros e Michelle Thalyta Cavalcante, aborda o tema sempre necessário da participação feminina com foco nas referidas escritoras e ativistas portuguesas, as quais se destacaram como diretoras do Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas (CNMP) e, em seguida, na revista *Alma Portuguesa*.

Em "Modos de ler as literaturas indígenas: considerações sobre algumas colaborações de Jaider Esbell para um possível sistema de arte indígena contemporânea", Anna Paula Ferreira da Silva discute a literatura de autoria indígena a partir das contribuições do artista indígena Jaider Esbell para um sistema de arte contemporânea ancorado em contextos específicos de criação e recepção da obra.

Antonio Nery, com o artigo "O ensino e a pesquisa da Literatura Portuguesa no Brasil em perspectiva", aborda a presença da disciplina Literatura Portuguesa no currículo da Educação Básica e, sobretudo, na Educação Superior, considerando os cursos de graduação em Letras de faculdades e universidades brasileiras. Nesse nível específico de formação intelectual, entram em discussão a redução de carga horária e, em alguns casos, a mudança de nomenclatura da referida disciplina, o que provoca impactos na concepção da Literatura Portuguesa e na condução de periodizações literárias, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2015.

Já em "O lirismo amoroso de Florbela Espanca e Rosidelma Fraga", Cátia Monteiro Wankler demonstra as possibilidades de diálogos líricos entre as escritoras Florbela Espanca (com o *Livro de Sóror Saudade*) e Rosidelma Fraga (autora de *Amor Amante*). O caráter confessional, o erotismo e seus diversos desdobramentos líricos provocados pela experiência amorosa surgem como aspectos relevantes que permitem a aproximação entre as duas obras em questão.

Emily Louise David Lemos e Sheila Praxedes Pereira Campos - autoras de "Regionalismo, representações periféricas e os limites do cânone" - analisam o conceito de Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. Nesse artigo, as autoras traçam uma abordagem crítica que revela elementos determinantes para a consagração de uma obra, considerando alguns processos de circulação e recepção da mesma. A constatação é de que a categorização do Regionalismo sobrevive

como conceito ainda operante na crítica literária contemporânea e pode mostrar estruturas de desigualdade as quais, ao serem reveladas na obra literária, alcançam o status de mecanismos de resistência periférica ante uma visão hegemônica do próprio processo de canonização da obra.

Em "As estéticas literárias na obra de Judith Teixeira", Fábio Mário da Silva analisa como a crítica tem se posicionado em relação à obra literária de Judith Teixeira, sob o crivo de influências de escolas literárias. Para embasar sua tarefa analítica, o autor do artigo observa as marcas modernistas presentes na obra da escritora portuguesa e as relaciona ao projeto literário da autora de *Decadência*.

Francisco Alves Gomes, Cácio José Ferreira e Norival Bottos com "*Contos da Floresta* e a educação de minorias: o papel da literatura indígena no ensino", tratam da obra de Yaguarê Yamã na perspectiva inclusiva para a cultura indígena no contexto da Educação Básica. Para tal, os autores assumem uma abordagem interdisciplinar em que analisam os contos da citada obra como ferramenta pedagógica capaz de auxiliar na compreensão da diversidade cultural indígena enquanto fator estético, ético e político.

O artigo "A escola lê as escritoras de língua portuguesa? Paulina Chiziane e o Vestibular da UERJ", de Margarete Batista Dias, utiliza o romance *Niketche: uma história da poligamia*, de Chiziane - leitura obrigatória do Vestibular da UERJ em 2023 - para discutir o papel da leitura literária na formação de sujeitos durante suas experiências na Educação Básica.

Já Marinei Almeida, com o artigo "Ritos da tradição e violência de gênero em *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane", discute a obediência e a subalternização da mulher a partir da mencionada obra da escritora moçambicana. Marinei Almeida analisa os ritos tradicionais e familiares na cultura moçambicana presentes na obra de Chiziane, marcados pela objetificação feminina, mas ao mesmo tempo devem ser lidas como denúncia e bandeira de igualdade de gênero.

Em "Metáfora intertextual no Atlântico: uma análise de personagens subalternizados de Manoel de Barros", Rosidelma Pereira Fraga entrega o resultado de uma leitura cruzada entre Manoel de Barros e Mia Couto. Tal leitura é amalgamada pela presença de personagens e narradores que evocam as minorias e a subalternidade - esta última como conceito adotado por Spivak (2010).

O artigo de Sávio Freitas - intitulado "Ecofeminismo afromoçambicano: a presença da lua em poemas de *Cães à estrada e poetas à morgue*, de Deusa D'África" - destaca o ecofeminismo afromoçambicano como perspectiva teórica que lida com elementos que circulam entre ancestralidade, gênero e justiça ambiental. Nessa abordagem, os poemas da citada obra de Deusa D'África ajudam na composição relacional entre o elemento "lua" e a condição de resiliência associada às mulheres em contexto de adversidades.

Tatiana Prevedello, com "Heranças coloniais, projeções paternas: duas visões", analisa o projeto literário dos romancistas Milton Hatoum e António Lobo Antunes. Como objeto desse trabalho analítico, Prevedello elege *Cinzas do Norte*, de Hatoum (2005), e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, de Lobo Antunes (2017) - romances que apresentam certas marcas do colonialismo, e que ajudam a definir tanto as relações nos conflitos familiares quanto o modo como

a memória é constituída nas narrativas em tela.

No artigo "Escritor engajado: compromisso social em Teolinda Gersão", Marcio Jean analisa o papel do escritor na literatura, com foco em *O regresso de Júlia Mann em Paraty,* romance de Teolinda Gersão. A partir das perspectivas autodiegéticas de Freud e Thoma Mann, que são personagens do romance, Leite utiliza uma abordagem teórica presente, sobretudo, nas propostas de Benjamin Abdalla Júnior.

Em "Vozes de mulheres indígenas na literatura: resistência, sol e retomada - relato de prática docente", Leidiane Leite apresenta um estudo sobre a literatura indígena no currículo da Educação Básica com uma abordagem de práticas pedagógicas decoloniais. Trata-se do resultado de uma experiência docente a partir de uma pesquisa realizada em uma escola de Boa Vista, em Roraima.

Com o artigo "Cabo Verde no imaginário brasileiro", Simone Caputo Gomes analisa a construção do imaginário brasileiro sobre Cabo Verde durante os séculos XX e XXI. Destacando os discursos presentes na literatura e na música, Gomes discute estereótipos desse imaginário considerando também as relações políticas e econômicas entre Brasil e Cabo Verde.

Para finalizar este Dossiê, na seção de Resenhas, temos o texto de Alcione Correa sobre a obra de Mandou Ba, intitulada *Antirracismo*: nossa luta é por respeito, amor e dignidade, publicada pela editora mineira Nandyala, em 2024. Além disso, temos a entrevista feita por Ediane Cruz Mendes, que mostra o depoimento do escritor angolano João Tala. O autor de *A forma dos desejos* e *Surreambulando* fala de sua formação como escritor e das ricas experiências em seu país de origem, Angola.

Desejamos uma ótima leitura e boas pesquisas!

Os organizadores: Cátia Wankler, Veronica Prudente e Yurgel Caldas.